

do patógeno *Staphylococcus pseudintermedius*. Na terapia sistêmica de rotina das foliculites, utilizam-se antibióticos, como Cefalexina, que são cefalosporinas de primeira geração, de eficácia já comprovada e amplamente utilizada, e o atual trabalho visa oferecer uma opção terapêutica com o uso da Azitromicina, que é um macrolídeo de amplo espectro. Objetivou-se na casuística do Hospital Veterinário da Universidade Anhembi Morumbi (São Paulo), determinar as principais espécies bacterianas envolvidas, a sensibilidade destas frente a diferentes antimicrobianos, assim como comparar a eficácia e a segurança de dois distintos protocolos terapêuticos no manejo de foliculites bacterianas superficiais. **Método:** Utilizaram-se 21 cães, sem predileção sexual, racial e de idade. A amostragem foi aleatoriamente disposta em dois grupos de experimentação (Grupo 1 e Grupo 2), excluindo-se foliculites secundárias, a pseudofoliculite, endocrinopatia, dermatopatia parasitária, piotraumática e autoimunes, e submetidos a antibioticoterapia com a Azitromicina e a Cefalexina, respectivamente. Foram considerados curados quando critérios de localização e tipos de lesão chegassem à zero. **Resultado e discussão:** O patógeno em 100% da totalidade de isolamentos bacterianos foi *Staphylococcus sp.* Verificou-se resposta plena em percentis de, respectivamente, 50 % e 76% nos Grupos 1 e 2; ao se agrupar as respostas plena e moderada evidenciaram-se valores relativos de 100% em ambos. À luz da estatística (teste exato de Fisher), não se observaram quaisquer diferenças estatisticamente significativas ( $p > 5$ ) entre os percentuais de resposta aos dois protocolos empregados. Também no teste não paramétrico de Mann-Whitney, foi observado que ambos os medicamentos não obtiveram diferenças de resultados no momento inicial e final do tratamento. **Conclusão:** Todos eles mostraram-se seguros e sem acarretar efeitos adversos significativos.

## MONITORIZAÇÃO CONTÍNUA DA GLICOSE INTERSTICIAL EM CÃES SADIOS

CASAGRANDE, F.K.<sup>1</sup>; ZOOTEELLI, S.E.<sup>1</sup>; PIETRO, M.A.<sup>1</sup>; SEWASTJANOW, L.<sup>1</sup>; JERICÓ, M.M.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Anhembi Morumbi  
E-mail: lukarina\_2@hotmail.com

**Introdução:** A mensuração da concentração de glicose a partir do fluido intersticial é mais vantajosa do que medir a concentração da glicemia, porque reduz o estresse gerado pelas contenções, sendo que as concentrações de glicose no fluido intersticial são comparáveis com as medições da glicemia em humanos e cães. **Método:** O estudo contou com oito animais hígidos, não portadores de endocrinopatias. Os animais foram submetidos ao uso do sistema CGMS, (Continuous Glucose Monitoring System, Guardian Real-Time; Medtronic, EUA), sendo que o equipamento conta com um sensor amperométrico inserido na região subcutânea, que mensura a glicose do fluido intersticial. Os valores são registrados a cada 5 minutos, durante 3 dias. Os resultados são transmitidos a um monitor, responsável pelo armazenamento das leituras de glicose, bem como pela transmissão dos dados obtidos ao sistema computacional. Duas horas após a fixação do sensor, e a cada 12 horas, o aparelho era calibrado com valores de glicemia obtidos por glicosímetro portátil (Breeze®, Bayer). **Resultados e Discussão:** O estudo contou com oito cães hígidos, quatro fêmeas e quatro machos, com idade média de 4,6 anos. Sabe-se que os animais se estressam na venopunção, tendo como resultado uma hiperglicemia transitória em resposta ao estresse. Resultado semelhante foi encontrado neste estudo, sendo que todos os animais apresentaram os maiores valores da glicose intersticial no ato da coleta ( $71,6 \pm 8,45$  mg/dL). Também foi observado que os menores valores da glicose intersticial ( $47,12 \pm 9,63$  mg/dL) ocorreram no período noturno, entre

oh e 7h. Neste estudo, todos os valores de glicose obtidos via venosa foram maiores do que os apontados pelo GCMS, sendo que os valores máximos e mínimos detectados foram, respectivamente, de 30% e 2% maiores em relação ao valor de glicose intersticial. Observou-se que dois animais desenvolveram dermatite alérgica no local da fixação do sensor após a retirada do mesmo.

**Conclusão:** Este estudo demonstrou a eficácia do GCMS na avaliação de glicose intersticial canina em âmbito doméstico, bem como também constatou uma boa tolerância ao seu uso nos animais estudados.

## CRIAÇÃO DE UM QUESTIONÁRIO PARA AVALIAÇÃO DO IMPACTO DO PRURIDO NA QUALIDADE DE VIDA DE CÃES E DE SEU NÚCLEO FAMILIAR

KALIL, T.R.<sup>1</sup>; BORGA, D.B.<sup>1</sup>; TEIXEIRA, J.M.<sup>1</sup>; BRANDÃO, C.P.<sup>1</sup>; FERREIRA, M.R.<sup>1</sup>; DIECKMANN, A.M.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduando de Medicina Veterinária na Universidade Federal Fluminense

<sup>2</sup> Professora Orientadora na Universidade Federal Fluminense

E-mail: thaissakalil@gmail.com

**Introdução:** O prurido pode ser definido como uma sensação desagradável causada por doença de base ou por agentes irritantes que levam o indivíduo a coçar-se à procura de alívio. É o sinal clínico mais comum de várias afecções dermatológicas que acometem os cães, sendo muitas vezes a queixa principal que leva o responsável do animal a procurar o médico veterinário. A reação de coçar ocorre para satisfazer a sensação desagradável e funciona como um sistema de alarme efetivo para remoção de substâncias lesivas à pele. Normalmente é uma resposta protetora que pode tornar-se patológica pelo ciclo do autotraumatismo (coçar-ferir-coçar). Dentre as principais causas de prurido no cão estão a dermatite alérgica à picada de ectoparasitas, dermatite por *Malassezia*, hipersensibilidades, doenças parasitárias e dermatite atópica. A percepção do prurido por parte do proprietário é um ponto importante que deve ser avaliado durante o histórico do animal. Por ser um parâmetro subjetivo, vários métodos já foram descritos e desenvolvidos para mensuração do mesmo. Dentre eles estão a escala numérica, as escalas de descrição do grau do prurido através de critérios de intensidade ou através de critérios comportamentais e a escala analógica visual. Alguns proprietários, propositalmente ou inconscientemente, escondem fatos importantes, como o ato do animal morder-se, lamber-se, esfregar-se em móveis ou objetos e balançar a cabeça, pois estes são encarados como comportamento normal do cão. Entende-se como prurido crônico aquele que dura mais de seis semanas, tornando a identificação da etiologia mais desafiadora. O prurido crônico é uma condição patológica que afeta significativamente a qualidade de vida do animal, sendo comparável com a dor crônica. Estudos que avaliam o impacto da dermatite atópica em humanos através de questionários já são amplamente aplicados na Medicina, por exemplo, para avaliar a qualidade de vida de crianças afetadas e de seus pais. Na Medicina Veterinária, porém, os estudos sobre o impacto do prurido na qualidade de vida dos animais afetados e de seus proprietários ainda são escassos. Este trabalho foi proposto com o objetivo de criar um questionário para avaliar como o prurido apresentado pelo cão afeta o convívio com seu responsável e com os membros da família na qual está inserido, avaliando como o mesmo é percebido pelo dono e como isso afeta a qualidade de vida de ambos. **Método:** Foi desenvolvido um questionário com vinte perguntas simples, baseadas em atividades do cotidiano dos tutores e de seus cães, para avaliação do impacto do prurido na qualidade de vida de ambos. O mesmo foi desenvolvido inspirado em questionários dermatológicos já existentes, aplicados amplamente na Medicina Humana. Foram avaliados neste estudo cães atendidos no Hospital Universitário de Medicina Veterinária

Prof. Firmino Marsíco Filho – HUVET-UFF, Niterói, Rio de Janeiro. O único critério de inclusão foi o animal ter sido trazido com queixa principal de prurido. O questionário foi aplicado aos proprietários imediatamente antes da consulta e todos assinaram uma permissão, concordando com o uso das informações. Inicialmente eram registrados nome, idade, sexo e a raça do animal. As primeiras perguntas do questionário referiam-se à intensidade/frequência da coceira, locais mais afetados e época em que o responsável pelo animal percebeu o sintoma. O restante das perguntas era assinalado simplesmente com “sim” ou “não”. As questões 1, 2, 3 e 4 avaliaram a percepção do prurido por parte do tutor do animal. As atividades da rotina do dono e do cão, bem como a convivência/relacionamento de ambos, foram avaliadas pelo restante das questões. Através das respostas, foi possível perceber se houve alteração na rotina do núcleo familiar no qual o cão está inserido e na qualidade de vida do próprio animal. **Resultados preliminares e discussão:** Deve-se ressaltar que o foco da pesquisa eram o prurido e o relacionamento cão/tutor, por isso não foi identificada a causa base, o diagnóstico e tratamento também não foram acompanhados. Até o presente momento, os questionários foram aplicados a 23 animais, dentre eles 16 fêmeas e sete machos. A idade dos cães variou de um a 14 anos. Oito cães eram sem raça definida (SRD) e os outros 15, de nove diferentes raças, sendo elas: Poodle (quatro), Yorkshire (três), Teckel (dois), Pastor Canadense, Lhasa Apso, Shih Tzu, Labrador, Pinscher e Pug. Os resultados demonstraram que os locais mais acometidos foram dorso (11 animais), pescoço (oito animais) e patas (nove animais), podendo o mesmo animal ter sido acometido em mais de um local citado, e que 14 proprietários (60,87%) perceberam lesões de autotramatismo nos locais mais pruriginosos. Foi observado que 56,52% notaram o sintoma desde que o animal era filhote. Quando questionados sobre a intensidade do prurido, 39,13% dos tutores identificaram-no como “muito frequente”, que era classificado como coceira durante a maior parte do dia; 30,43%, como “relativamente frequente”, que era descrito como um prurido mais ocasional; e 30,43% identificaram-no como “exageradamente frequente”, ou seja, coçava o dia inteiro. O questionário mostrou que todos os proprietários consideraram o prurido a queixa principal e 22 tutores (95,65%) relataram que se sentiam angustiados/desconfortáveis com o prurido do animal, provando que este tinha impacto na sua própria vida. Dentre os cães avaliados, 13 acordavam para se coçar, segundo seus proprietários, e, destes, dez relataram que tinham seu sono interrompido por esse fato. Treze animais paravam de brincar ou de comer para se coçar, e dez destes estão incluídos no grupo dos que também acordavam para se coçar. Dez relataram que consideravam seu animal feio e sete se sentiam constrangidos ou envergonhados com a aparência física do animal. Quatro mudaram a conduta com relação ao passeio, deixando de levar o animal à rua ou diminuindo a regularidade devido ao aparecimento dos sinais clínicos. Oito cães dormiam na cama junto aos seus donos e, destes, dois deixaram de dormir após o aparecimento dos sintomas. Os resultados preliminares mostraram que, apesar de terem sido observadas alterações em pelo menos alguma atividade da rotina da família ou na do cão, em todos os casos, 19 tutores (82,61%) relataram que não houve restrição do contato com o animal, mostrando que, de maneira geral, a relação afetiva não foi alterada. Apesar de limitações, como não terem sido distinguidos animais em revisão de animais em primeira consulta, e do número reduzido de animais abordados, a ferramenta foi eficiente em seu propósito, pois foi possível notar que o prurido do cão afetou não só a qualidade de vida do próprio, mas também a do seu núcleo familiar, já que todos os questionários demonstraram alteração de pelo menos uma atividade da rotina, sendo o desconforto de ver o animal se coçando e a interrupção do sono do dono as queixas mais observadas. **Conclusão:** Este estudo possibilitou a criação de um questionário que avalie a qualidade de vida de cães pruriginosos, e como este sinal clínico afeta a rotina do núcleo familiar no qual o animal está inserido, sendo necessário novos

estudos para desenvolvimento e aperfeiçoamento da ferramenta. Pode-se intuir que controlar o prurido é essencial para a harmonia da convivência interespecífica do cão e sua família, alertando para a inclusão de uma rotina antipruriginosa, particularmente nos animais que apresentam o sintoma com certa frequência.

## HIPERTIREOIDISMO FELINO: RELATO DE CASO

PEREIRA, A.L.R.A.<sup>1</sup>; ZANETTE, M.F.<sup>2</sup>; ROSSI, C.N.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Paulista – UNIP, Campinas

<sup>2</sup> Prof. MSc. Adjunto de Clínica Médica da Universidade Paulista – UNIP, Campinas

<sup>3</sup> Prof. Dr. Titular de Clínica Médica da Universidade Paulista – UNIP, Campinas

E-mail: andreal.alvesp@gmail.com

**Introdução:** Hipertireoidismo (HTD) normalmente acomete gatos com idade superior a oito anos e é causado pela produção excessiva de hormônios tireoidianos, devido a uma hiperplasia ou neoplasia envolvendo um ou ambos os lobos da tireoide. As principais alterações clínicas são: perda de peso (PP), polifagia (PF), hiperatividade, poliúria (PU), polidipsia (PD), êmese, diarreia e agressividade, além de intercorrências como cardiomiopatia hipertrófica, insuficiência renal, infecções do trato urinário e hipertensão sistêmica. As anormalidades bioquímicas incluem elevação das dosagens de ALT, FA e T<sub>4</sub> total sérico, sendo esta última a principal indicação para o diagnóstico. O tratamento pode incluir terapia farmacológica, tireoidectomia ou iodo radioativo. O Metimazol é, atualmente, o fármaco de escolha, devido à baixa incidência de reações adversas. A maioria dos gatos tornam-se eutireoideos em duas a três semanas de terapia, sendo recomendado o monitoramento de T<sub>4</sub> total após esse período para ajuste da dose. **Relato de caso:** Felino, macho, 11 anos, sem raça definida, 2,45 kg, com queixa de agressividade, PP progressiva há oito meses, PF, êmese, PU e PD, o qual já havia sido atendido por 11 colegas. O paciente tinha histórico de ser dócil com a família e já ter pesado 8,0 kg antes do início do quadro. Ao exame físico, encontrava-se irascível, caquético, e sua tireoide, palpável. Foram realizados hemograma, creatinina, uréia e frutossamina, sendo os resultados normais para a espécie, além de ALT e T<sub>4</sub> total, cujas dosagens se encontravam em níveis elevados, confirmando HTD. Foi prescrito Metimazol (2,5 mg/BID), tendo sido relatada, após dois meses de terapia, diminuição da agressividade, da PU, PD e PF, além de visível ganho de peso, que chegou a 1,2 kg após 5 meses da sua instituição. O ecodopplercardiograma descartou cardiomiopatia hipertrófica. Um dos seus descendentes apresentou, aos oito anos, a mesma doença. **Discussão:** O quadro clínico do paciente é, segundo a literatura, compatível com a enfermidade, sendo, o diagnóstico, baseado no histórico, sinais clínicos e exames laboratoriais. Ressalte-se a característica hereditária da enfermidade e o sucesso da terapia medicamentosa, mesmo em baixa dose. **Conclusão:** Trata-se de importante suspeita diagnóstica em gatos de meia idade a idosos que apresentam sinais clínicos sugestivos e alterações laboratoriais compatíveis com HTD.